

Dineuza Neves da Silva



Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
dineuzaneves@hotmail.com

Luciete Bastos



Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
lbastos@uneb.br

A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: CONTRIBUTOS DA TEORIA DE HENRI WALLON

RESUMO

Este artigo discute as contribuições da afetividade para as relações entre educador e educando como possibilidade para a obtenção de resultados positivos no processo ensino-aprendizagem. A metodologia utilizada foi de investigação bibliográfica qualitativa, buscando, além de refletir sobre a promoção de um ambiente afetivo favorável, apresentar os contributos da teoria psicogenética de Henri Wallon para o desenvolvimento da criança na pequena infância como um ser biológico, psicológico e social. Para tanto, respalda-se nessa teoria psicogenética, por ela nos possibilitar supor que a qualidade dessas relações influencia, sobremaneira, nos resultados da aprendizagem de crianças, não apenas de conteúdos sistematizados, mas também para a vida.

Palavras-chave: Afetividade. Ensino-aprendizagem. Wallon

AFFECTIVITY IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS: CONTRIBUTIONS FROM HENRI WALLON'S THEORY

ABSTRACT

This article discusses the contributions of affectivity to the relationship between educator and student as a possibility to obtain positive results in the teaching-learning process. The methodology used was qualitative bibliographic investigation, seeking, in addition to reflecting on the promotion of a favorable affective environment, to present the contributions of Henri Wallon's psychogenetics theory for the development of children in early childhood as a biological, psychological and social being. Therefore, it is supported by this psychogenetic theory, as it allows us to assume that the quality of these relationships greatly influences the learning outcomes of children, not only of systematized content, but also for life.

Keywords: Affectiveness. Teaching-learning. Wallon

Submetido em: 29/07/2021

Aceito em: 01/10/2021

Publicado em: 10/06/2022



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14nEsp605-620>



1 INTRODUÇÃO

As relações afetivas estabelecidas entre educador e educando e as metodologias utilizadas dentro da sala de aula são importantes no processo de ensino-aprendizagem da criança, podendo influenciar de maneira positiva, ou negativa, na formação da pequena infância.

Diversos estudiosos escreveram sobre a afetividade, estabelecendo uma conexão entre psicologia e educação, entre eles, Piaget, Vygotsky e Wallon, os quais se dedicaram a pensar questões ligadas às emoções e ao desenvolvimento humano, buscando entender o sujeito como um ser que participa ativamente de seu processo de desenvolvimento. Dos três autores mencionados, destacamos o psicólogo, educador e médico Henri Wallon, cuja teoria psicogenética, por favorecer a compreensão do desenvolvimento humano em sua plenitude, merece ser melhor examinada.

Embora os conceitos e contribuições de Wallon para o campo da psicologia tenham sido importantes para o entendimento da pessoa de forma holística, como um ser biológico, psicológico e social, em particular para o desenvolvimento da pequena infância, com destaque para os comportamentos e pensamentos singulares que a caracterizam, seu pensamento é pouco disseminado nos meios educacionais, principalmente, com relação à Educação Infantil. Numa outra vertente, as pesquisas que têm a Educação Infantil como campo empírico, em especial aqueles que versam sobre a especificidade da ação pedagógica nesse nível educacional, têm crescido significativamente nas últimas décadas, mas os estudos que vinculam a teoria de Wallon e a pequena infância ainda requerem novas investigações nos contextos atuais, razão pela qual a psicogenética foi selecionada como suporte para referendar este artigo.

Por meio de uma investigação bibliográfica qualitativa, buscamos, neste artigo, apresentar os contributos da psicogenética de Wallon para a compreensão da criança como um ser total e refletir sobre a promoção de um ambiente afetivo favorável a esse desenvolvimento integral na Educação Infantil, assim como sobre a importância do educador nesse processo. O texto encontra-se, didaticamente, organizado em subtítulos que trazem as seguintes características: buscamos apresentar a teoria psicogenética de Wallon; conceituar afetividade e sua importância para as relações humanas; apresentar informações sobre a educação infantil no Brasil; abordamos sobre a relação entre aprendizagem e afetividade; apresentamos características sobre a aprendizagem e a

construção de laços afetivos; e ainda versamos sobre desenvolvimento e a aprendizagem infantil.

2 WALLON E A TEORIA PSICOGENÉTICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Nascido em França, na segunda metade do século XIX, dedicou seus estudos a compreender sobre o psiquismo humano, em especial da infância. Acreditava que, conhecendo o desenvolvimento das crianças seria possível acessar a gênese desse processo. Enquanto presidente do comitê responsável pela reformulação do sistema de ensino, propôs adequar a educação às características individuais e às necessidades sociais da época, procurando favorecer o desenvolvimento das aptidões individuais e a formação cidadã.

Embora indiscutíveis as contribuições dos estudos psicogenéticos sobre as crianças e seu desenvolvimento para o processo de ensino-aprendizagem na infância, debruçar sobre a obra de Wallon constitui um desafio instigante, pois ela se encontra fragmentada em diferentes textos, dificultando uma visão completa de seu pensamento.

Com o intuito de compreender a “pessoa completa”, por meio do desenvolvimento do psiquismo humano, Wallon formulou sua teoria direcionada, principalmente, às crianças, fundamentando sua teoria no materialismo histórico dialético, que consiste em estudar o desenvolvimento humano por meio de suas condições materiais, sustentado por fatores biológicos, históricos e sociais.

Preocupado com o processo educacional, o estudioso elaborou uma teoria do desenvolvimento humano, que apontou bases pedagógicas que pudessem guiar o fazer pedagógico dentro do ambiente escolar. Como mencionado anteriormente, o desenvolvimento da criança está relacionado às atividades psíquicas, integrando aspectos cognitivo, afetivo e motor. A pessoa completa é, pois, um ser biológico, psicológico e social, cujas funções dependem da integração entre esses aspectos. O aspecto motor é um recurso que possibilita o planejamento da ação da pessoa e que, também, interfere no ambiente. Diferentemente de teorias reducionistas que compreendem o desenvolvimento da criança como um processo de maturação biológica, de um ponto de vista puramente objetivo, a teoria walloniana postula que o ser humano não pode ser estudado isoladamente, pois ele faz parte de um coletivo que o influencia, estando em constante desenvolvimento junto à família, à escola ou a qualquer outro meio social. Conforme ideias de Mahoney (2010), esse é um recurso de visibilidade, que insere

a pessoa no momento presente, oferecendo-lhe deslocamento, equilíbrio corporal e a socialização por meio da aproximação com o outro.

Para constituição da pessoa, outro aspecto que, também, contribui é o cognitivo, responsável pela aquisição de conhecimento, bem como sua manutenção, para tanto, utilizando ideias, imagens e representações, cujo conjunto contribui para o conhecimento. Mahoney (2010), afirma que o conjunto cognitivo permite a fixação e análise do presente, a revisão, registro e reelaboração do passado, e a projeção de acontecimentos imagináveis e futuros.

O aspecto afetivo do desenvolvimento humano é responsável pelos sentimentos e emoções, demonstrando que fatores internos e externos afetam o indivíduo, destarte o desenvolvimento afetivo pode contribuir com o aspecto motor e cognitivo.

Diante do exposto, a psicogenética de Wallon compreende que o desenvolvimento humano não é um processo único, pois, influenciado por fatores socioambientais, cognitivos e afetivos, consoante suas condições de existência e integração, impactam sobremaneira no desenvolvimento completo do Ser, rompendo com visões lineares de desenvolvimento.

Wallon participou ativamente na política e, após a Segunda Guerra Mundial, contribuiu para que fosse apresentado à sociedade francesa um projeto humanista de reforma do ensino, denominado *Langevin-Wallon*, resultado de discussões com educadores. Mesmo estando ciente das desigualdades que havia na sociedade francesa, o pesquisador buscou expressar suas concepções de educação igualitária, que respeita as singularidades, que propicia melhores condições de educação para todos sem distinção e que considera o homem na sua totalidade.

Uma diretriz norteadora da construção de uma educação e uma sociedade mais justas, baseando-se nos princípios de justiça, dignidade, igualdade de ocupações, orientação e cultura geral. No princípio de justiça, o projeto defendia que o desenvolvimento completo da pessoa independe de suas origens familiares, sociais e étnicas. No princípio de dignidade e igualdade de ocupação, asseverava que, independentemente de classe, de origem, ou de etnia, tanto os trabalhos manuais, como os intelectuais são igualmente dignos, não fazendo distinção a nenhuma profissão. No que diz respeito ao princípio de orientação, afirmava que o desenvolvimento das aptidões individuais é guiado por orientação escolar e profissional. No princípio de cultura geral, o projeto defendia que a cultura aproxima os homens, razão pela qual, o seu acesso é

função primordial da educação formal, pois a cultura motivará a criação e aptidões do homem.

O projeto de educação de Wallon pressupunha uma educação que respeite o desenvolvimento total da pessoa, focando em aspectos intelectual, social e afetivo, desde a pré-escola até a universidade, preocupando-se com a formação de valores éticos e morais, e percebendo a escola como um espaço social propício para que isso acontecesse.

Wallon propôs uma educação que contribuísse tanto para a formação do aluno, quanto com o trabalho do professor. Almeida (2009) afirma que Wallon legou aos professores diversas lições, entre elas: ser uma pessoa completa, com afeto, cognição e movimento. Afirmando ainda que o professor deve propiciar o desenvolvimento do aluno, sendo o professor privilegiado nesse meio, por ser mediador do processo educacional. Embora o projeto tenha sido grandioso e democrático, jamais foi implantado, afirma o autor Grantiot- Alfandéry (2010).

Pensamos que a mais importante contribuição das ideias de Wallon tenha sido sua preocupação com a natureza social da criança, levando à compreensão de que, desde a infância, o ser humano é um ser social, e que sua interação com o meio e com o outro afeta seu desenvolvimento o tempo todo.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A AFETIVIDADE

Considerando a importância da socialização para as relações humanas, Wallon dedicou grande parte de seus estudos à afetividade, nos quais ele se utilizou de uma abordagem social do desenvolvimento humano. Através da sua teoria psicogenética, ele buscou realizar uma conexão entre o biológico e o social, atribuindo um papel de grande importância às emoções na formação da vida psíquica da criança.

Por compreender a relevância de estudos relacionados ao desenvolvimento humano e suas relações, a psicologia busca entender o homem como um ser dotado de sentimentos e emoções, sempre levando em consideração a subjetividade do sujeito e suas particularidades com relação ao seu desenvolvimento, comportamentos, aprendizagens e conhecimentos.

Comungamos com Dantas (2016) ao afirmar que a teoria psicogenética de Henri Wallon tem dado suporte à compreensão do ser humano em sua totalidade, valorizando a afetividade e a emoção para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento

integral da pessoa. A emoção é, pois, considerada uma mediadora nos processos de construção estabelecidos ao longo dos relacionamentos humanos.

Para Wallon (2007), a criança responde emocionalmente às experiências, pelas quais passa no decorrer do seu desenvolvimento. Desde o seu nascimento, ela reage ao ambiente e ao contato com os adultos através da emoção. Os bebês comunicam-se, a priori, por meio do choro seja para dizer que necessitam que lhes troquem as fraldas, seja para alertar que estão com sono, ou sentem alguma dor, ou ainda, para avisar que estão com fome. A sensibilidade emocional do adulto para com o bebê determina a qualidade da relação estabelecida e o afeto conduz à realização da necessidade. que se confirma com o cessar do choro, o retorno à serenidade. Assim ocorre com bebês maiores com relação ao riso; quando o adulto os provoca com carinhos, cocegas e brincadeiras, elas reagem ao afeto da mesma forma sorrindo, ou gargalhando.

Ambos, criança e adultos, são afetados pelo afeto, a partir do momento em que o adulto muda seu comportamento em razão de uma ação da criança, podemos afirmar que, nesse momento, o adulto foi afetado pela criança e o inverso também se aplica. A criança libera tensões e despense energias suspensas e acumuladas como forma de expressão da emoção, como é o caso do soluço e do riso. “Trata-se aí de espasmos já organizados, que vão além das simples câimbras dos aparelhos viscerais ou motores [...] são regulados e reguladores das energias que neles se liberam” (WALLON, 2007, p.119). Percebemos, porquanto, que há uma ligação entre as emoções e a atividade motora da criança desde o início de sua vida.

Nessa mesma perspectiva e buscando elucidar a conexão entre atividade motora e afetividade, podemos afirmar que a criança se comunica com o outro e com o ambiente circundante por meio de seus movimentos, com os quais se expressa, organiza-se e demonstra suas intenções. Mas para que tais movimentos tenham sentido é preciso que o adulto os interprete a fim de engendrar significado.

Se a emoção e reações motoras estão conectadas, assim também estão a afetividade e o intelecto. Wallon enfatizou a importância das emoções no processo educacional da criança ao afirmar que a afetividade e a inteligência são fatores que estão relativamente ligados. Dantas (2016), afirma, com fulcro na teoria da psicogenética, que a educação da emoção deve estar inclusa na proposta de ações pedagógicas no ambiente escolar. Podemos inferir, então, que a escola poderia promover um currículo escolar que estabelecesse o ensino de uma educação das emoções, o que poderia contribuir para um ensino-aprendizagem mais efetivo e duradouro.

Nessa linha de pensamento walloniana, segundo a qual o desenvolvimento humano fundamenta-se no interacionismo, ratificamos com Mahoney (2010), que todos os aspectos do desenvolvimento surgem na interação do sujeito com o ambiente e com os outros, sua predisposição genética e características específicas da espécie, com variedade de fatores determinados pelo ambiente. Destarte, é desta interação que resulta o desenvolvimento humano pleno.

Segundo Almeida (2009), o processo de socialização da criança é ampliado na interação com o outro e com a cultura, pois a socialização pode acontecer tanto através do relacionamento com os membros da família, da vizinhança, da escola, quanto através de livros, música, ou outra arte. Através das relações constituídas no ambiente de educação escolar são formadas opiniões e singularidades entre os indivíduos de culturas diferentes, sendo também estabelecidos vínculos e transmitidos saberes.

4 EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

No Brasil, a Educação Infantil, apresentou, inicialmente, assim como em outros países, um caráter assistencialista. As crianças negligenciadas pelas famílias, vulneráveis economicamente, eram encaminhadas para creches e internatos de instituições religiosas destinados aos cuidados de crianças pequenas abandonadas.

Com o tempo, iniciou-se a valorização do processo educacional e um novo olhar foi lançado à criança, a aprendizagem e aquisição de conhecimentos transferiu-se da convivência com adultos em tarefas cotidianas para a aprendizagem institucionalizada, a escola passou a se responsabilizar pela formação intelectual da criança. Segundo Ariès (1986), houve a separação da criança do adulto para que elas fossem encaminhadas para a escola, preparando-a para viver em sociedade.

Com o surgimento da industrialização e o crescimento demográfico do país, surgiu a necessidade de a mulher ser inserida no mercado de trabalho, impulsionando a criação de instituições que cuidassem das crianças pequenas, mas elas ainda conservavam o viés assistencialista.

Nos séculos anteriores ao século XXI, a humanidade não via a criança como um ser em particular, e por muito tempo a tratou como um adulto em miniatura, sendo essa criança negligenciada, não reconhecida nas suas especificidades, invisível à sociedade e uma infância negada, impossibilitado um olhar cuidadoso e um sentimento protetivo à essa criança.

Outrora, a pequena infância era responsabilidade da família e excluída das políticas públicas. No Brasil contemporâneo, a educação infantil é considerada a primeira etapa da educação básica por se tratar de um processo de escolarização necessário à formação dessa geração e base da escolaridade futura, assim como é reconhecida como importante período para a formação do sujeito histórico.

Desse modo, para pensar a criança no processo de educação infantil é necessário analisar o contexto e sua origem, pois tanto a família, a escola, como a comunidade definem as formas de vida da criança, seu desenvolvimento emocional, intelectual e sua relação com o mundo e com os demais.

Grande parte dos programas educacionais e das políticas públicas brasileiras não têm expressado interesse/consideração suficiente pelas diversidades socioculturais encontradas na educação infantil, apesar da importância expressa por pesquisadores/educadores que se preocupam com as crianças e seu contexto de formação.

Percebemos que não é comum ao currículo escolar institucionalizado estabelecer uma rotina de escuta, ou um olhar atento e diferenciado para a criança, deixando de compreendê-las em suas singularidades, o que pode interferir, sobremaneira, na sua aprendizagem.

Como forma de estruturar as práticas pedagógicas na educação infantil o sistema educacional brasileiro dispõe das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEIs), que busca regulamentar as atividades a serem desenvolvidas no contexto escolar, cujo objetivo é o desenvolvimento integral da criança, preconizado na teoria walloniana.

O direito de a criança receber educação foi, inicialmente, garantido na Constituição Federal de 1988, ao estabelecer a educação como dever da família, do estado e da sociedade. Entretanto, somente na Diretriz nº 9.394/96, em seu artigo 29, foi definida a Educação Infantil como etapa inicial da educação básica e, assim, postulado uma educação que deveria promover o desenvolvimento físico, psicológico, social e intelectual da criança. Mas as questões relativas à educação infantil não foram inteiramente favorecidas, vez que se destinou vagas e verbas às crianças 7 a 14 anos pertencentes ao ensino fundamental. Percebemos que, embora tenha sido dado à pequena infância o direito à educação; sua prática não foi efetivada como direito, com exceção de algumas tentativas de avanço exitosas, aqui e acolá, dispersas pelos pais. Como escreveu Saviani (2007), diversas políticas públicas foram elaboradas com o intuito de promover a qualidade

da educação para todos. Mas, apesar da exigência de uma educação de qualidade equânime para os brasileirinhos prevista em leis, essa educação não foi efetivada.

A partir do ano de 2010, ficou estabelecido nas Diretrizes Curriculares da Educação Infantil que é dever do Estado garantir a oferta de uma educação de qualidade. A educação infantil foi incorporada como parte da educação básica e se estabeleceu novos parâmetros de oferta educacional para a pequena infância, tanto pública como privada, que passaram a receber crianças de 0 a 5 anos de idade, em jornada integral. Com base na Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 é proposta uma dinâmica pedagógica que respeite os três princípios básicos:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (BRASIL, 2010)

A educação da criança pequena na escola passou a ser estabelecida como direito e instituído por leis que lhe garantam o acesso e qualidade no processo de ensino-aprendizagem integral e fundamental para seu bom desenvolvimento, bem como conectar saberes da criança a conhecimentos culturais, artísticos e científicos por meio dos currículos institucionais. A criança deve, portanto, ser percebida como um ser histórico-cultural que é formada por uma família e uma comunidade que lhe transmitem saberes com os quais vai construindo sua identidade como sujeito, tanto individual como coletiva. Assim pensada, a criança chega à escola com uma bagagem cultural que aprendeu fora da instituição, mas que necessita ser valorizada.

Por compreender a criança como uma “pessoa completa”, constituída a partir das três dimensões, a cognitiva, a motora e a afetiva, os estudos walonianos destacam a importância do papel do educador no processo de desenvolvimento infantil, razão pela qual a qualidade dos relacionamentos estabelecidos entre professor e aluno é valiosa para a construção de laços afetivos e estabelecimento de confiança nas relações na sala de aula.

Consoante afirmação de Nascimento (2004), a teoria psicogenética de Wallon se revela importante por compreender a criança em todos os aspectos, ampliando o espaço da escola para além das instruções. Destarte, ao estabelecer laços afetivos com seus pares e educadores, e ser tratada com afeto, respeito e dignidade, a criança pode se desenvolver melhor intelectualmente, bem como estabelecer relações mais saudáveis e duradouras.

As interações comuns em espaços educacionais de educação infantil fornecem contextos para apoiar o desenvolvimento de habilidades cognitivas, de aprendizagens sociais e segurança emocional, fortalecendo a relação da crianças com um adulto e com seus pares, ajudando a motivar a aprendizagem das crianças pequenas e inspirar sua autoconfiança.

5 A AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES PROFESSOR-ALUNO

O processo de desenvolvimento social e emocional se inicia bem antes de a criança ir para a escola, pois através dos vínculos afetivos, sustentados pelos adultos da família, iniciam-se as relações afetivas estabelecidas entre a criança e o adulto na família e em outros espaços e pessoas da sociedade posteriormente.

As interações no ambiente escolar são permeadas pela afetividade, razão pela qual ela pode ser considerada de grande relevância para o desenvolvimento das relações que se estabelecem entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, entre os quais se estabelece um vínculo. Falar de relações afetivas no processo pedagógico é pensar em dar sentido às formas de ensinar e aprender, pois, quando há reciprocidade de sentimentos positivos nessa relação, ambos são beneficiados.

Na mesma perspectiva, Almeida (2009), afirma que a afetividade evolui nas relações em sala de aula e cabe ao educador possibilitar que seu aluno expresse seus sentimentos, buscando observar suas demandas, a fim de lhe oferecer suporte em variadas exigências emocionais. A criação de vínculos afetivos no ambiente educacional deve ser um dos compromissos profissionais do educador com vistas a obter resultados exitosos no processo ensino- aprendizagem.

Consoante ao pensamento de Wallon, o destino da criança é ter comportamentos que se igualam aos do adulto, portanto, a presença de pessoas na vida da criança nas quais pode se espelhar é essencial para que a aprendizagem aconteça de maneira plena. Seja no seio familiar, seja no ambiente escolar, o adulto desempenha importante papel no desenvolvimento e no processo de aprendizagem infantil, pois ele serve como paradigma para a criança e pode motivar tanto comportamentos positivos, quanto negativos, tornando-se modelos que guiarão a criança nas suas buscas, descobertas e aprendizagens.

Para Wallon (2007), quando há contato emotivo e se estabelece um liame entre a criança e o(s) outro(s) a sua volta, ela se mostra efetivamente envolvida com a situação.

Assim, vão-se ampliando os vínculos afetivos do lar com o estabelecimento de novas relações, como é o caso da relação professor-aluno, em que o professor se torna uma figura importante no processo ensino-aprendizagem do educando. O papel do professor vai além de instruir sobre os conteúdos teóricos que compõem o currículo instituído, ele precisa de assumir um papel de formação do sujeito, motivando o educando para a construção de seus conceitos e o orientando para o enfrentamento de problemas culturais, sociais e os desafios que possam surgir.

Situações conflitantes entre professor-aluno e aluno-aluno podem acontecer no decorrer das relações estabelecidas dentro da sala de aula e, quando essas situações acontecem, elas trazem intensa afetividade e explosão de emoções, gerando muitas vezes o medo, descontrolo emocional, irritação e até o não discernimento para a solução dos conflitos. Compete ao professor, segundo escreveu Almeida (2010), canalizar a afetividade para gerar conhecimento com o fim de gerenciar as relações professor-aluno, aluno-aluno e aluno-grupo, também, saber reconhecer o clima afetivo, apropriando-se dele na rotina da sala de aula, com vista a fomentar o interesse dos alunos nos conteúdos e na qualidade das relações entre os pares.

O professor tem papel ativo na constituição da pessoa do aluno, razão por que deve ter suas ações apoiadas no pressuposto de que aquilo que é conquistado, afetivamente, pelo aluno é base para o desenvolvimento cognitivo dele. Neste contexto de aprendizagem, a teoria walloniana pode dar o suporte de que o educador necessita ao dar ênfase à pessoa nas dimensões cognitivas, afetivas e motoras que se integram e se desenvolvem em ação recíproca na constituição da pessoa plena.

6 APRENDIZAGEM E A CONSTRUÇÃO DE LAÇOS AFETIVOS

O processo de ensino-aprendizagem não se restringe apenas a processos mentais e cognitivos, mas também ao intelectual e afetivo, pois o sujeito que aprende é aquele que também é dotado de sentimentos, desejos, opiniões e conhecimentos próprios. Portanto, o educador deve perceber o aluno em sua totalidade e se tornarem parceiros no processo de ensino-aprendizagem.

Propondo um melhor entendimento da pessoa que aprende e para melhor compreender os processos que permeiam a construção afetiva e o processo de desenvolvimento da aprendizagem humana, a psicologia tem dado importantes contribuições às práticas pedagógicas. Entender que a aprendizagem, por meio do afeto,

assegura a construção de conhecimento é reconhecer que há possibilidades de mudanças na prática pedagógica de modo a entender o Ser que aprende como sendo um sujeito afetivo-intelectual e possuidor de subjetividade.

A teoria walloniana pode ser interpretada como uma sugestão ao professor para uma reflexão sobre as condições favoráveis ao estudante para um aprendizado de comportamento, ideias e valores novos e suporte para melhor compreensão do aluno no processo de ensino-aprendizagem. Mahoney (2010), afirma que Wallon esperava que os resultados da sua psicologia genética e da sua teoria do desenvolvimento fossem aproveitados pela pedagogia, em novas pesquisas no contexto educacional, gerando princípios que pudessem orientar o desempenho do professor como criador de condições promotoras do desenvolvimento de seus alunos - que é o que constitui o ensino.

Na perspectiva de buscar uma pedagogia que contribua para o desenvolvimento humano do educador e do aluno, a escola deve participar ativamente do processo de aprendizagem, proporcionando o estabelecimento de contatos e de vínculos por meio da socialização, preparando o aluno para conhecer, entender e viver em sociedade, o que pode não ocorrer de modo fácil e nem natural. Trata-se de um processo complexo, para o qual é preciso considerar o histórico da criança, ela chega à escola em uma idade em que já viveu experiências variadas, advindas de situações diversas e de ambientes múltiplos, que pode gerar dificuldade de adaptação ao novo ambiente de relacionamento, podendo desencadear em dificuldades de aprendizagem.

7 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM INFANTIL

O desenvolvimento humano torna-se significado em razão das interações sociais e da contribuição dos outros para a constituição do sujeito, pois, são nessas relações estabelecidas que os valores, as experiências, as crenças, as concepções e as culturas são construídas e compartilhadas, estruturando a vida social e pessoal do indivíduo.

Grande parte dessa constituição do sujeito como um Ser cultural é realizada no processo educacional nas instituições, pois, além de ser uma extensão do âmbito familiar e fonte de relações, é também um ambiente de descobertas para a criança, tanto de si mesma, como do Outro. Segundo Nascimento (2004), é nas experiências que a criança vive fora de casa, em creches e escola, com outras crianças e com adultos, que ela se referencia e constitui sua singularidade. A intervenção do educador faz-se fundamental para a criação de laços e vínculos afetivos entre aluno-aluno e professor-aluno.

Quando o educando constitui, com o professor, sentimentos de afeto, carinho e amizade, ele pode ter no professor um parceiro no processo e também desenvolver uma aprendizagem de sucesso e sem dificuldades, com exceção dos obstáculos originados de distúrbios psiconeurológicos, as quais devem ser tratadas de acordo com suas especificidades e individualidades. Em conformidade com a teoria walloniana, as relações entre a criança e seu meio devem ser estimuladas na prática pedagógica, reconhecendo que ambos, educador e educando, modificam-se durante o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Nascimento (2004), esse meio pode ser considerado o campo de ação da criança.

Além da importância já mencionada, o afeto e a criação de laços afetivos entre professores e alunos são relevantes para o desenvolvimento de bons relacionamentos em sala de aula, estabelecendo uma interferência positiva no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, problemas de convívio no ambiente escolar podem surgir a partir do momento em que os sujeitos não respeitam a subjetividade do outro, não o aceitando como ser diferente e único nas suas especificidades, dificultando as relações. São essas dificuldades que fazem do processo de ensino-aprendizagem um processo complexo e desafiador, tanto para o educador quanto para o educando.

Nesse processo delicado de ensino-aprendizagem, professor e aluno precisam estar bem emocionalmente para que possam estabelecer boas relações e criar vínculos saudáveis, a fim de promoverem um processo de ensino-aprendizagem de sucesso.

Quando se pensa em desenvolvimento humano, vários fatores, como hereditariedade, crescimento orgânico, maturação neurofisiológica, meio, são associados e estão em constante interação. Segundo Bock; Furtado e Teixeira (2003), com fulcro em Wallon, é necessário perceber a pessoa humana na sua totalidade para melhor compreendê-la e interpretá-la. Ainda segundo esses teóricos, além dos fatores acima mencionados, para um entendimento global do desenvolvimento humano, é necessário estudá-lo, considerando os aspectos físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social, sendo que todos estão relacionados e agem sempre em parceria, como pode ocorrer no caso de uma criança com dificuldade de aprendizagem estar o diagnóstico associado a aspectos intelectuais e afetivo-emocionais.

A criança apresenta características próprias para cada fase do seu desenvolvimento, diferenciando-se daquela do adulto nas suas aprendizagens. Para compreender como funcionam a aprendizagem e as relações infantis, é necessário saber como funcionam as especificidades e individualidades de cada uma das crianças.

Wallon (2007), respaldado pela teoria evolutiva do desenvolvimento humano, separa e classifica o desenvolvimento infantil em seis etapas: a primeira está relacionada à vida intrauterina, sendo completamente dependente da mãe; a segunda vai do nascimento até os primeiros meses de vida, tendo como característica a satisfação das necessidades de alimentação emocional e afetiva - nos três primeiros anos de vida, a criança se orienta e percebe seu ambiente por meio dos reflexos e estabelece contato com o mundo exterior através das atividades sensório-motoras-; com idade de três a seis anos a criança se encontra na quarta etapa, na qual acontece a formação da personalidade, sendo o período da oposição e inibição, narcisismo e relativa autonomia; a quinta etapa, de seis a onze anos, possui o desenvolvimento da inteligência, bem como a evolução no domínio do conhecimento e da percepção. A criança adquire a possibilidade de se conhecer, compreendendo seus limites e potencialidades; e, dos onze anos em diante a criança se encontra na sexta etapa, período da puberdade e da adolescência, sendo um período de crise, com ambivalência de sentimentos, buscando descobrir seu verdadeiro “EU”.

Para Wallon (2007), o desenvolvimento da criança recebe influência de fatores biológicos e sociais, cada etapa é realizada num equilíbrio estável entre condições atuais e condições de vida correspondentes, possibilitando mudanças que possuem causas orgânicas, muitas vezes alheias à relação funcional exata. Quando se pensa em desenvolvimento infantil, várias questões sociais, ambientais e biológicas devem ser consideradas, pois essas questões podem agir positiva, ou negativamente no processo de desenvolvimento. O psicólogo defende que, em cada etapa do seu desenvolvimento, a criança define um tipo de relação com seu ambiente, valorizando, assim, o meio no qual ela está inserida e se desenvolvendo de acordo com sua idade e com o que lhe é proposto no seu ambiente.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar desvendar os enigmas das relações e ações humanas é um trabalho provocador, pois faz-se necessário estabelecer um olhar para dentro do indivíduo, percebendo suas características peculiares que o definem como ser único em contato com o(s) outro(s) em sociedade.

Como a pesquisa nos revelou, as relações afetivas principiam no interior do útero e vai se estendendo pela vida da criança até a maturidade. Ao passar pelo processo da

educação formal, é oportunizado ao educando o estabelecimento de relações e a criação de vínculos, o que, muitas vezes, pode formar o educando para a vida em sociedade. Na relação professor-aluno são realizadas trocas individuais de sentimentos, nas quais valores, concepções e conhecimentos do professor se misturam aos saberes, valores e linguagem própria do aluno, podendo resultar numa aprendizagem significativa.

Para que o educador desempenhe um papel relevante nesse processo educacional, pensamos que ele necessita ser sensível às diferenças, aos sentimentos, às emoções, às individualidades, às falas e às ações de seus alunos, tentando estabelecer com eles uma relação de confiança, e a partir dela possibilitar um processo de ensino-aprendizagem por meio do afeto.

A prática educativa do querer bem ao educando e da necessidade de o professor estar aberto a essa prática afetiva contribui para uma aprendizagem significativa, o que não quer dizer que esse querer bem seja homogêneo, mas sim, que não tenha receio de expressar a afetividade, selando, dessa maneira, o compromisso com os educandos, numa prática exclusiva do ser humano pleno.

Concluimos que a teoria de Wallon é de grande importância para o ensino-aprendizagem dos educandos ao considerar a junção dos três aspectos motor, afetivo e cognitivo. A afetividade mediando a relação educativa favorece o bom relacionamento e fomenta a confiança entre as partes, concorrendo para o desenvolvimento humano da criança e a qualidade do ensino-aprendizagem. Portanto o educador desempenha um papel de grande responsabilidade na educação formal e emocional do educando.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. R. Ser professor: um diálogo com Henri Wallon. In: MAHONEY A. A., ALMEIDA L. R. (orgs). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

ALMEIDA, L. R. Wallon e a educação. In: MAHONEY A. A., ALMEIDA L.R. (orgs). Henri Wallon. **Psicologia e educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BOCK, A. M.; FURTADO O., TEIXEIRA M. de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva: 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 2010.

DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão** / Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloisa Dantas. São Paulo: Summus, 2016.

GRATIOT-ALFANDÉRY, H. **Henri Wallon**. Recife: Massangan, 2010.

MAHONEY, A. A. A Constituição da Pessoa: desenvolvimento e aprendizagem. In: MAHONEY A. A., ALMEIDA L. R. (orgs). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

NASCIMENTO, M. L.B.P.A criança Concreta, Completa e Contextualizada: a Psicologia de Henri Wallon. In: CARRARA K. (Organizador). **Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens**. São Paul: Avercamp, 2004.

SAVIANI, D. **O Plano de Desenvolvimento da Educação: Análise do Projeto do MEC**,2007.Disponívelem:<https://www.scielo.br/j/es/a/7pgYkYztK6ZyPny97zmQvWx/abstract/?lang=pt>

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2007.